

# **Intertextualidade e alusões à criação e ao sábado em Apocalipse 12-14: um estudo exegético e interbíblico**

Breno Oliveira<sup>1</sup>

**Palavras-chave:** Intertextualidade, alusão, criação, Apocalipse, sábado.

## **Introdução**

Desde o tempo dos pioneiros adventistas do sétimo dia, o estudo do livro de Apocalipse tem sido de suma importância. A defesa da doutrina do sábado, do quarto mandamento, em relação às grandes questões do tempo do fim, depende da maneira como se entendem algumas das visões de João. Para os adventistas, haverá um tempo em que os habitantes da Terra terão de escolher entre adorar o Deus criador em conexão com o dia de sábado ou a besta e sua contrafação do dia do Senhor. Porém, a identificação do sábado no Apocalipse é um desafio uma vez que a palavra “sábado” não ocorre no livro (PAULIEN, 2012, p. 25).

O presente capítulo analisa a alusão ao sábado em Apocalipse 12-14 por meio da intertextualidade com a narrativa da criação em Gênesis. Essa alusão já tem sido desenvolvida por Paulien (1988, 2012). Para ele, os paralelos verbais, temáticos e estruturais indicam uma possível intenção do autor do Apocalipse em aludir ao relato da criação. O objetivo do estudo é certificar se há bases textuais e linguísticas para a afirmação que Apocalipse 12-14 alude ao relato da criação de Gênesis e conseqüentemente ao sábado como seu memorial no tempo.

## **Intertextualidade**

Como metodologia exegética, intertextualidade não teve sua origem nos estudos bíblicos, apesar de ter se tornado comum nesse campo nas últimas

---

<sup>1</sup> Breno Oliveira é graduado em Teologia pelo Centro Universitário Adventista de São Paulo, Campus Engenheiro Coelho, e pós-graduado em Estudos Teológicos.

décadas. O conceito se originou a partir das teorias do pensador russo Mikhail Bakhtin, que se ocupava da “dimensão da palavra nos espaços dos textos e, principalmente, sobre o conceito de dialogismo” (OLIVEIRA, 2010, p. 21). Mesmo interessado nos sentidos do texto ou enunciado a partir de sua relação com outros textos da cultura, Bakhtin não ignorava o sentido único e histórico do texto. Para ele, “cada texto é individual, único e irrepitível” (BAKHTIN, 1986, p. 103). Ou seja, o significado local e histórico do texto permanece, embora possa ser expandido mediante conexões com outros textos. “Cada texto é independente quanto a sua realidade” (PINTO, 2017, p. 15).

Sobre o conceito de *dialogismo*, Bakhtin destaca que toda “palavra ou expressão é integralmente dialógica por natureza. Isso significa que nenhuma palavra ou texto pode ser ouvido ou lido isoladamente” (CLAASSENS, 2003, p. 129). Isso significa que o texto nunca é único, exclusivo e inovador em sua produção, mesmo tendo um significado único em seu contexto imediato. O texto sempre estará conectado a outros textos mais antigos, formando redes textuais. Comentando o trabalho de Bakhtin, Steve Moyise (2002, p. 418) sugere “uma relação dialógica entre textos”. Contrariando a teoria estruturalista, ele afirma que “nenhum texto pode ser entendido isoladamente”. Dessa forma, o texto nunca será puro (PINTO, 2017), mas sim contaminado por outros textos, aos quais faz referência, alusão ou eco. Nessa linha, a filósofa búlgara Julia Kristeva propõe:

Todo texto se constrói como mosaico de citações, todo texto é absorção e transformação de um outro texto. Em lugar da noção de intersubjetividade, instala-se a de *intertextualidade* e a linguagem poética lê-se pelos menos como dupla (KRISTEVA, 1974, p. 64)

Com base na teoria de Bakhtin, Julia Kristeva cunhou o termo “intertextualidade” (OLIVEIRA, 2010). A essência da intertextualidade para Kristeva pode ser definida ao se dizer que “a palavra (o texto) é um cruzamento de palavras (de textos), onde se lê, pelo menos, uma outra palavra (texto) (KRISTEVA, 1974, p. 64). Ou seja, o texto é formado a partir da conexão com outros textos, revelando o “conceito que vem mostrar que cada texto só existe em função de outro(s)” (BOLLELA, 2007, p. 133). Para Oliveira (2010, p. 22), esse “mosaico de citações” “acarreta a infinita reinvenção e repetição de formas

e conteúdos, uma rede interminável em que diferentes sequências se transformam em outras sequências, (re)utilizando de incontáveis maneiras os materiais textuais existentes”. Assim, um texto só pode ser produzido com a forma e conteúdo de outros textos, concordando ou discordando dos mesmos (VIGNER, 1988).

Quando lidas a partir dessa noção, as Escrituras também se apresentam como uma ampla rede de textos, em que os profetas e os escritos reportam, citam e aludem ao Pentateuco, e o Novo Testamento ao Antigo.

### **Intertextualidade bíblica**

A aplicação do conceito de intertextualidade aos estudos bíblicos se deu a partir da década de 1980. Dois trabalhos pioneiros nesse sentido são *Intertextuality in Biblical Writings*, editado por S. Draisma, e *Echoes of Scripture in the Letters of Paul*, produzido por Richard B. Hays.

Com o foco na Bíblia hebraica, Danna Nolan Fewell (1992, p. 12) conceitua intertextualidade como sendo a compreensão de que os “textos falam uns com outros, ecoam uns nos outros, empurram-se uns para outros; guerreiam uns com outros”, sendo um diálogo de vozes que auxiliam na construção do significado no texto. Por sua vez, Diop (2007, p. 135) afirma que “uma leitura intertextual da Bíblia é a ciência e a arte de fazer associações e conexões entre textos no interior do cânon bíblico.” Pode-se definir intertextualidade bíblica como sendo “as várias maneiras pelas quais a produção e recepção de certo texto sagrado depende do conhecimento de outros textos por parte de seu autor ou autores” (COELHO et al, 2011, p. 13).

De fato, o fenômeno da intertextualidade pode ser visto como parte essencial da Bíblia, tanto em sua própria construção como em sua hermenêutica. Isso pode ser verificado pelas mais de duzentas citações diretas de fórmulas introdutórias que o Novo Testamento faz ao se referir ao Antigo Testamento. Nicole (1959, p. 137) afirma que, no Novo Testamento, “uma contagem muito conservadora revela inquestionavelmente pelo menos 295 referências separadas ao Antigo Testamento”. Essas referências ocupam “cerca de 352 versos do Novo Testamento, ou mais de 4,4%”.

Dessa maneira, percebe-se que uma “leitura intertextual das Escrituras abre janelas para a conexão entre o Antigo e Novo Testamento” (DIOP, 2007, p. 150). Nesse sentido, o estudo intertextual das Escrituras revela que “cada um dos livros contidos na Bíblia só pode ser compreendido em sua relação com os outros textos nele presentes” (BOLLELA, 2007, p. 133). Ou seja, a Bíblia interpreta a si mesma, o que enfatiza que “intertextualidade é parte da própria estrutura da Bíblia” (DIOP, 2007, p. 149), desempenhando “um papel fundamental na organização do texto bíblico” (BOLLELA, 2007, p. 144).

### **Intertextualidade no livro de Apocalipse**

A ocorrência de intertextos no livro do Apocalipse não seria diferente do restante de toda a Bíblia. “De fato, de todos os livros do Novo Testamento, o Apocalipse é o que se refere de maneira mais recorrente às Escrituras hebraicas” (DORNELES, 2015, p. 11). Diop (2007, p. 146) afirma que “é amplamente reconhecido que o livro de Apocalipse é em muitos aspectos uma reinterpretação do Antigo Testamento”. Isso pode ser observado pelo número de alusões e referências diretas que se faz ao Antigo Testamento. Segundo Moyise (1995, p. 137), “o livro do Apocalipse contém mais de 200 alusões ao Antigo Testamento”. O número tão elevado de conexões entre o Apocalipse e o Antigo Testamento se dá pela familiaridade que João tinha com a Bíblia hebraica. Sobre isso, Dorneles (2015, p. 23) afirma, “os eventos, as imagens, as cenas e a terminologia do Apocalipse são provenientes do Antigo Testamento, material com que João estava intimamente familiarizado”, e, portanto, “tendem a emergir de modo natural em seus textos”.

Essas conexões intertextuais ocorrem de diversas maneiras e não apenas na citação de outros textos, não sendo sempre evidente e clara ao leitor e intérprete. Nessa linha Diop (2007, p. 136) afirma:

A interpretação bíblica vai muito além de uma mera menção de textos. Realmente, ela pode ocorrer na forma de uma citação palavra-por-palavra de uma passagem bíblica. Também pode ser uma aproximada, mas ainda óbvia referência a um texto bíblico, ou pode ocorrer na forma de um arranjo de palavras rememorativo de um texto anterior, um artifício estilístico ou feição literária ligando dois ou mais textos bíblicos.

Entre as muitas formas de referências intertextuais, podem-se destacar a citação e alusão. Diferentemente da citação convencional, “as alusões são limitadas a uma palavra, uma ideia ou uma breve frase que pode ser atribuída a um corpo de texto conhecido” (PAULIEN, 1988, p. 39). Beale (2013, p. 55) afirma que a alusão é “uma expressão breve deliberadamente pretendida pelo autor para ser dependente de uma passagem do AT”. Diferentemente de uma citação do AT, que é “uma referência direta, a alusão é indireta”.

### **Intertextualidade: método alusivo**

Paulien (1988, p. 39) explica que, na *alusão*, o autor tem a intenção de apontar um trabalho anterior na construção de seu texto de forma consciente a fim de expandir o horizonte do leitor. Já o *eco*, não haveria a intenção consciente da parte do autor, sendo uma referência não deliberada a imagens ou palavras de textos anteriores sem intenção de identificar a fonte.

No livro do Apocalipse não é diferente. Podem ser encontradas centenas de alusões ao Antigo Testamento, as quais, porém, não são citações formais (PAULIEN, 1988). Beale (2013, p. 55) afirma haver mais de mil ocorrências dessa natureza no Apocalipse. Paulien (2012, p. 26) afirma que a alusão tem características básicas no texto de João, pois “esse livro é construído a partir da linguagem, ideias, lugares e pessoas do Antigo Testamento”. Segundo ele, “o Apocalipse não cita o Antigo Testamento, apenas o menciona com uma palavra aqui, um a frase lá ou um nome em outro lugar”.

Uma vez que as alusões não são formais, Paulien afirma que “a presença de uma alusão direta requer que o intérprete rastreie o material até sua fonte para entender a escrita posterior” (1988, p. 41). Entretanto, a identificação dessa fonte é uma tarefa extremamente complexa. Mas, quando são identificados os vários paralelos ao um texto específico, a probabilidade de o autor ter tido a fonte em mente ao redigir o texto se torna mais evidente. Paulien (1988) sugere alguns critérios básicos para a identificação de tais alusões e suas fontes, sendo o paralelo verbal, paralelo temático e paralelo estrutural.

Sobre *paralelo verbal*, Paulien (1988; 2012) propõe a ocorrência de pelo menos duas ou mais palavras principais que estejam paralelas entre uma passagem de Apocalipse e um possível texto fonte do Antigo Testamento.

Entretanto ele adverte que “uma alusão direta não deve ser assumida com todos os paralelos verbais; a observação de palavras comuns é apenas parte do processo de acumular evidências para uma alusão direta (1988, p. 42).

Já sobre *paralelos temáticos*, o autor pode ter tido uma passagem do Antigo Testamento em mente, utilizando apenas uma palavra ou até mesmo nenhuma para aludir à fonte. Dessa forma, “as alusões ao AT podem ser caracterizadas pela similaridade de pensamento e tema, bem como por palavras” (PAULIEN, 1988, p. 42). Novamente, não se deve tirar conclusões precipitadas, mas deve se ter em mente que esse paralelo temático é apenas a construção de um processo de evidências da possível intenção do autor.

Por fim, Paulien propõe o critério do *paralelo estrutural*:

Muitas vezes o vidente do Apocalipse usa o AT construindo a estrutura literária ou teológica de seções inteiras sem necessariamente seguir as palavras exatas. Pela mesma característica de múltiplas correspondências, esses “paralelos estruturais” são os mais facilmente prováveis de estarem na mente do escritor quando ele escreveu suas visões (1988, p. 42).

O autor então modelaria a construção da passagem conforme um texto anterior do Antigo Testamento, utilizando linguagem, palavras e temas mais ou menos na mesma ordem. Esses casos não sendo limitados a passagens paralelas, mas podem estar em relação a estruturas históricas ou teológicas que vão além de passagens do Antigo Testamento. Moyise (2002, p. 422) chama tal abordagem estrutural de *intertextualidade narrativa*, em que se evidencia “a importância de histórias moldando a maneira como pensamos e a maneira como nos expressamos”. Tais paralelos estruturais abrangem os paralelos verbais e temáticos, que costumam ser os critérios menos definidos (PAULIEN, 1988). Já os paralelos estruturais são uma forte evidência das alusões intencionais do autor, mesmo que em menores detalhes (PAULIEN, 2012).

Com base na definição de alusão feita por Paulien, assume-se a pressuposição de que o autor do Apocalipse faz uma *alusão direta* nos capítulos 12 a 14 ao relato da criação de Gênesis.

Paulien identifica várias evidências de falsificação em Apocalipse 12-14, dentre elas uma falsa trindade e apelos a uma falsa adoração. Isso é bastante plausível, considerando-se que o único chamado para adoração ao Deus

verdadeiro é encontrado em Apocalipse 14:7, “uma alusão direta a Êxodo 20”, focado no mandamento do sábado (PAULIEN, 2012, p. 29). João parece de fato fazer nesse texto uma alusão específica à primeira tábua do decálogo (MACPHERSON, 2012, p. 46 - 47).

A questão-chave deste estudo é considerar a seguinte questão: sendo o quarto mandamento (Êx 20:8-11) uma ordenança para a guarda do sábado baseada no relato da criação, tendo como motivação a autoridade de Deus como criador (PAULIEN, 2012, p. 32), teria João feito em Apocalipse 12-14 uma alusão à semana da criação em Gênesis?

### **A semana da criação em Gênesis**

Na busca de alusões ao relato da criação em Gênesis, é preciso procurar por paralelos verbais, temáticos e estruturais, como também o tema do Criador e sua criação.

De acordo com Shea (2000, p. 227), o tema criação é revelado por meio de uma verdadeira criação que se sobrepõe à falsa criação. Essa verdadeira criação está relacionada à primeira mensagem angélica de Apocalipse 14:6-7.

A criação descrita na mensagem do primeiro anjo é a verdadeira criação. Essa criação é descrita especialmente em termos provenientes dos primeiros três dias da semana da criação: *“adorai aquele que fez o céu e a terra, o mar e as fontes de água.”* Esses aspectos da criação incluem especialmente os eventos descritos nos três primeiros dias do relato da criação de Gênesis 1.

Sendo os três primeiros dias da verdadeira criação descritos na primeira mensagem angélica, haveria no Apocalipse uma tentativa de falsificação da criação? De fato, esses três primeiros dias da criação não podem ser falsificados pelo inimigo de Deus (SHEA, 2000, p. 227), o que é interessante pela estrutura em que é construído o relato da criação em Gênesis 1.

Em seu estudo do relato da criação, Moskala (2002, p. 55) afirma que sua estrutura literária é extremamente bela, dividida em sete partes, equivalente aos sete dias da criação. Segundo ele, essa estrutura de Gênesis 1:2 está construída

sob dois substantivos hebraicos, *tohû* (“sem forma”, “falta de forma”) e *bohû* (“vazio”).<sup>2</sup>

Esses dois substantivos dividem o texto em dois grupos de três dias. A ideia de “formar”, do termo *tohû*, está intimamente ligada aos três primeiros dias da criação. Já a ideia de “preencher”, do termo *bohû*, está ligada aos três dias seguintes da criação (MOSKALA, 2002, p. 55).

O primeiro, segundo e terceiro dias estão relacionados ao conceito de *tohû* e representam a atividade formadora de Deus, enquanto o quarto, quinto e sexto dias estão relacionados ao conceito de *bohû*; e descrevem a atividade de preenchimento de Deus (2002, p. 56).

Essa divisão baseada nos substantivos hebraicos, forma um paralelo entre os dias, no qual se percebe que o primeiro dia está para o quarto, e o segundo dia está para o quinto, e o terceiro dia para o sexto (WENHAM, 1986, p. 6-7). Dessa maneira, “Deus primeiro criou o espaço e depois preencheu-o com seus habitantes” (MOSKALA, 2002, p. 56), sendo que o *preencher* não pode anteceder o *formar*, pois não haveria sentido lógico nessa ordem. A organização dos dias em paralelo fica da seguinte forma:

**Quadro 1**

<b>Estrutura literária do primeiro relato da criação</b>	
<b>Formando</b>	<b>Preenchendo</b>
O sem forma <i>tohû</i> é formado o espaço	O não preenchido <i>bohû</i> é preenchido por habitantes (conteúdo)
<b>1º dia: luz - divisão</b>	<b>4º dia: luminares</b>
Dia e noite	Sol e Lua
<b>2º dia: firmamento – divisão</b>	<b>5º dia: habitantes da água e do céu</b>
Água e céu	Peixes e pássaros
<b>3º dia: terra seca – divisão</b>	<b>6º dia: habitantes da Terra,</b>

<sup>2</sup> Para uma visão mais abrangente sobre *tohû* e *bohû* na Bíblia Hebraica, cf. NUNES, 2017, p. 17–28.



Terra e vegetação	Animais; humanos; comida para os seres vivos
<b>7° dia: sábado – Deus em relacionamento com o homem</b>	
Um dia de descanso é formado e preenchido com santidade	

(MOSKALA, 2002, p. 57).

Na narrativa do Apocalipse, o dragão, reconhecido como “a antiga serpente, que se chama Diabo e Satanás” (Ap 12:9) não pode falsificar o primeiro grupo de três dias, pois ele não tem o poder para “formar”, ou seja, poder criativo, mas pode “preencher” o que Deus já formou. Nesse caso, ele pode apenas falsificar a partir do quarto dia, o que é uma reversão ao sentido lógico da narrativa da criação.

## **A contrafação da semana da criação**

### **Quarto dia**

A falsificação iniciada a partir do quarto dia é confirmada por MacPherson (2012, p. 51, 52). Ele afirma que

João utiliza Gênesis 1 e 2 como pano de fundo arquitetônico para enfatizar a natureza da rebelião da besta contra o Deus criador que instituiu o sábado. A imagem de Apocalipse 12 e 14 utiliza a configuração da história da criação, especialmente a segunda metade da semana da criação, para relatar a história do ataque do dragão a Deus. Os paralelos são consistentes em ordem e sugestivos em natureza.

Na narrativa da criação, no quarto dia, são feitos *luminares* para governarem o dia e a noite, sendo esses luminares colocados no *céu*, onde a mulher e o dragão são vistos pelo profeta (Ap 12:3). Importante notar que o texto bíblico não utiliza os termos “sol” e “lua”, e sim luz maior e luz menor (MOSKALA, 2002, p. 56), provavelmente para evitar menção às várias divindades que havia na época, as quais eram identificadas como o sol, a lua e as estrelas. Ao não nomeá-las, o texto de Gênesis revela que esses luminares têm um papel limitado na criação, apenas de governar dia e noite, como também foram criados para servir e não para ser luz em si (HASEL, 1972, p. 13, 14).

João faz alusão ao quarto dia da criação por meio de um paralelo verbal, no qual a mulher de Apocalipse 12:1, que se encontra no *céu* com as obras criadas no quarto dia. Ela está vestida de *sol*, com a *lua* debaixo de seus pés, e adornada com doze *estrelas*. Macelaru (2010, p. 113, 114) afirma que se trata de “uma referência ao começo, pois a imagem traz a criação à vista, mas é também uma referência a Israel”, uma vez que “a menção ao sol, à lua e às doze estrelas naturalmente lembraria o sonho de José em Gênesis 37: 9-11 enquanto o refúgio no deserto ecoa a jornada do êxodo de Israel”. Para essa mulher “a melhor interpretação seria ver a mulher como um símbolo do povo de Deus ao longo do tempo” (MACELARU, 2010, p. 113).

MacPherson (2012, p. 52) acrescenta que, até que o dragão entrasse em cena, tudo estava em sua devida ordem, e que ao contrário do sol, lua e estrelas que têm paralelos com Gênesis 1, esse dragão não possui nenhuma ligação com o relato da criação. O próprio João, explica que o dragão é a antiga serpente que perturbou a ordem da criação divina (Ap 12:9), podendo se enquadrar em um paralelo temático, pois com a chegada da serpente não houve mais ordem.

### **Quinto dia**

No Apocalipse, o foco que até então era o *céu*, onde se encontravam a mulher e o dragão, então se volta para o *mar* e a *terra*, como ocorre no quinto dia da criação. É no quinto dia que Deus cria as aves e os animais marinhos, e dá a ordem para que se multipliquem e povoem as águas (Gn 1:20, 21). Curiosamente, em Apocalipse 13:1, surge uma besta que emerge do *mar*. Mais uma vez, há tanto um paralelo verbal, com relação a “animais”, “água/mar”, quanto um paralelo temático da criação de animais aquáticos.

Observa-se que não apenas uma alusão ao quinto dia da criação, como também ao capítulo 7 de Daniel, onde se descreve quatro animais que surgem do *mar*. Todas as cabeças dos animais em Daniel 7 somadas são um total de sete cabeças, como também o total de dez chifres. A besta de Apocalipse 13 tem também as características dos animais descritos em Daniel 7, o que Paulien considera ser um paralelo claro que Apocalipse 13:1-2 faz a Daniel 7 (2012, p. 27).

### **Sexto dia**

A alusão e paralelos verbais e temáticos, ao sexto dia da criação, se encontra em Apocalipse 13:11-18, onde se narra a visão de uma besta que o profeta observa emergir da *terra*. O sexto dia da criação é o dia no qual vários animais são criados para habitarem na *terra* (Gn 1:24). Logo após isso, Deus cria o ser humano à sua *imagem* e semelhança (Gn 1:26). MacPherson (2012, p. 52, 53) afirma que “a essa *imagem* é dado domínio sobre toda a Terra e tudo que há nela. Deus exerce seu governo através de sua *imagem*, o homem (Gn 1:26-30). Em Gênesis 2:7, afirma-se que o homem foi formado do pó da terra e que o sopro de Deus foi dado às narinas, tornando-se dessa forma uma “alma vivente”. De maneira paralela ao o que ocorreu no sexto dia da criação, na narrativa do Apocalipse surge uma besta da *terra*. Essa besta da terra exerce a autoridade da primeira besta que surgiu do *mar* (Ap 13:12), autoridade que pertence ao dragão (Ap 13:4). De igual modo como foi dado ao homem a autoridade sobre toda criação (Gn 1:26, 28).

O jogo de alusões e paralelos verbais prossegue quando essa besta do *mar* leva os habitantes da *terra* a fazerem uma *imagem* à besta (Ap 13:14) que fora ferida de morte (Ap 13:3). A essa imagem da besta é comunicado *fôlego* de vida (Ap 13:15), como o fora ao primeiro homem na criação (Gn 2:7).

O relato prossegue com uma ameaça aos que não adorarem a imagem da besta (Ap 13:15), sendo proibidos de comprar e vender a não ser que tenham a marca da besta, ou seja, o número do seu nome (Ap 13:17). O número dado em Apocalipse 13:18 é seiscentos e sessenta e seis. MacPherson (2012, p. 54) afirma que

A respeito do número simbólico 666 e do uso de números como símbolos no Apocalipse, este estudo concorda com os comentaristas que afirmam que o uso do número 6 está enraizado no relato da criação de Gênesis. [...] Cremos que o número 6 simboliza a criatura detendo-se em si mesma. Representa a criação do sexto dia, a humanidade, sem o sétimo dia, o sábado do Senhor Deus. É a recusa humana a Deus por três vezes (666), uma rebelião incurável. É a recusa de entrar no descanso sabático de Deus que está enraizado na criação e na salvação. À luz de Gênesis 1 e 2, a natureza antissabática da marca e seu número simbólico 666 se torna mais do que um dado coincidente.

É interessante que esse paralelo temático, com alusão a vários acontecimentos do sexto dia da criação, faz menção à marca da besta

relacionada ao número seis. A marca está relacionada ao domínio dado à besta, em que seu papel é marcar todos com o seu nome. Isso se compara ao domínio dado ao homem que deu nome aos animais.

Há, entretanto, a resposta a essa marca da besta em Apocalipse 14. João diz que aqueles que adoram a besta e a sua imagem e que recebem a marca não terão *descanso*, nem de dia nem de noite (Ap 14:9-11), ao contrário de Adão que descansou com Deus no primeiro sábado após a criação.

Em contraste, o texto faz referência aos que morreram no Senhor, os quais irão *descansar* de suas fadigas (Ap 14:13), uma alusão ao quarto mandamento (SHEA; CHRISTIAN, 2000, p. 289). Pode também ser uma alusão à “benção original sabática de Deus e ao descanso após sua obra criadora (Gn 2:1-3) (MACPHERSON, 2012, p. 53).

Os dias da criação e seus paralelos em Apocalipse 12-14 podem ser visualizados mais claramente no quadro a seguir:

**Quadro 2**

<b>Paralelos relevantes entre os relatos da Criação e Apocalipse 12-14</b>		
	<b>Gênesis 1,2</b>	<b>Apocalipse 12-14</b>
<b>Quarto dia</b>	Céu	Céu
	Sol, lua e estrelas (serpente introduzida posteriormente)	Mulher com sol, lua e estrelas (dragão se intromete)
<b>Quinto dia</b>	Mar	Mar
	Grandes criaturas marinhas se reproduzem segundo a sua espécie	Besta do mar (besta híbrida)
<b>Sexto dia</b>	Terra	Terra
	Bestas da terra	Besta da terra
	Imagem de Deus	Imagem da besta (vida dada pelo fôlego da besta da terra)
	Domínio (Dá nomes a toda a criação)	Domínio (marca todos com o nome da besta)

<p><b>Sétimo dia</b></p>	<p>Deus abençoa e põe à parte o sábado para a criação. Deus descansa de toda a obra que fizera.</p>	<p>Os santos, que guardam os mandamentos de Deus e morrem no Senhor, são abençoados. Os santos “descansarão de todas as suas obras”. Os que recebem a marca do nome da besta “não tem descanso”.</p>
--------------------------	---	--

Fonte: MacPherson, 2012, p. 54, 55.

Pode-se notar nessa composição do texto que o autor do Apocalipse faz um paralelo estrutural, iniciando o mesmo a partir do quarto dia em diante. O paralelo se baseia na composição do relato da criação em Gênesis 1, tendo os dois substantivos *tohû*, “formar”, e *bohû*, “preencher”, como mostrado anteriormente.

## Conclusão

Com o uso da intertextualidade, observa-se que o autor do Apocalipse teve o relato da semana de criação em Gênesis como seu texto de fundo ao estruturar sua narrativa nos capítulos 12 a 14. Entretanto, em Apocalipse 12:1, o autor inicia a alusão a partir do quarto dia da criação, seguindo-se até o capítulo 13, em que paralelos são feitos ao quinto (Ap 13:1) e sexto dia (Ap 13:11).

A pergunta natural é por que João não iniciou com alusão ao primeiro dia da criação? A resposta pode estar na própria estrutura do relato da semana de criação em Gênesis 1, onde nos três primeiros dias Deus *forma* (*tohû*), e nos três dias seguintes Deus *preenche* (*bohû*). Uma vez que o dragão não é capaz de *formar* ou *criar*, sua obra de falsificação começa a partir do quarto dia. Em contraste com isso, a mensagem do primeiro anjo em Apocalipse 14:7 chama os habitantes da terra a adorar o Deus criador: “adorai aquele que fez o céu, e a terra, e o mar, e as fontes das águas”. Essa mensagem faz, por sua vez, uma alusão aos três primeiros dias da criação, relacionados à obra de “formar” ou “criar”.

Provavelmente a essência da mensagem que o autor desejava comunicar é que o diabo só pode *preencher* o que já foi criado, e que apenas Deus é *criador*. Isso fica claro nas sete referências à adoração que o dragão e seus aliados recebem (Ap 13:4, 8, 12, 15; 14:9, 11), o que evidencia sua insistência em ser reconhecido como Deus e Criador, em contraste com o único chamado à adoração ao Deus criador (Ap 14:7). Isso mostra que apenas Deus pode formar e criar, sendo o único Criador merecedor de adoração. Esse paralelismo indica que o dia de sábado, tanto pelos paralelos estruturais do texto, como pelos paralelos verbais e temáticos, estava na mente do autor do Apocalipse, pois o Deus criador ordena o descanso no sábado, justamente em memória de sua obra criadora (Êx 20:8-11), da qual ele é o único capaz.

Desta forma, Apocalipse 12-14 não só espelha a estrutura do relato da criação em Gênesis, como também constrói paralelos estruturais do decálogo, focados nos quatro primeiros mandamentos. Ambas as estruturas culminam no sábado como motivação de adoração a Deus como criador.

## Referências

BAKHTIN, M. M. **Speech Genres & Other Late Essays**. Austin: University of Texas Press, 1986.

BEALE, G. K. **Manual do Uso do Antigo Testamento no Novo Testamento: exegese e interpretação**. São Paulo: Vida Nova, 2013.

BOLLELA, Maria Flávia de Figueiredo Pereira. A intertextualidade no texto bíblico. In: CARMELINO, Ana Cristina (org.). **Nos caminhos do texto: atos de leitura**. Franca, SP: UNIFRAN, 2007.

CLAASSENS, L. J. M. **Biblical Theology as Dialogue: Continuing the Conversation on Mikhail Bakhtin and Biblical Theology**. *Journal of Biblical Literature*, v. 122, n. 1, Spring 2003.

COELHO, L. D.; et al. A intertextualidade no processo hermenêutico da Bíblia: uma abordagem inicial. *Vox Faifae: Revista de Ciências Humanas e Letras das Faculdades Integradas da Fama*, v. 3, n. 2, 2011.

COON, R. W. Por que eu creio que Ellen G. White foi uma verdadeira profetisa. In: STENCEL, R. (org.). **Espírito de profecia: orientações para a Igreja remanescente**. Engenheiro Coelho, SP: Unaspress, 2012.

DIOP, G. Interpretação Interbíbica: lendo as Escrituras intertextualmente. In: REID, G. W. (dd.). **Compreendendo as Escrituras: uma abordagem adventista**. Engenheiro Coelho, SP: Unaspres, 2007.

DORNELES, V. **Pelo sangue do Cordeiro: a vitória do remanescente na batalha final**. Tatuí, SP: Casa Publicadora Brasileira, 2015.

FEWELL, D. N. (ed.), **Reading Between Texts: Intertextuality and the Hebrew Bible** (Literary Currents in Biblical Interpretation), Louisville, Westminster/John Knox Press, 1992.

HASEL, G. F. The Significance of the Cosmology in Genesis in Relation to Ancient Near Eastern Parallels. **Andrews University Seminary Studies**, 1972. Acesso em: [digitalcommons.andrews.edu](http://digitalcommons.andrews.edu), em 1º de junho de 2018.

KRISTEVA, J. **Introdução à semanálise**. São Paulo: Perspectiva, 1974.

MACELARU, M. The woman, the Child and the Dragon: Old Testament Overtones in Revelation 12. **Pleroma**, v, 8, 2010. Acesso em: [academia.edu](http://academia.edu), em 30 de maio de 2018.

MACPHERSON, A. O sábado e a marca da besta. **Parousia**. Engenheiro Coelho, SP, v. 2, p. 25 – 34, 2012.

MOSKALA, J. The Sabbath in the First Creation Accounts. **Andrews University Seminary Studies**, 2002. Acesso em [digitalcommons.andrews.edu](http://digitalcommons.andrews.edu), em 30 de maio de 2018.

MOYISE, S. Intertextuality and Biblical Studies: A Review. **Verbum et Ecclesia Jrg**, v.23, 2002.

\_\_\_\_\_. **The Old Testament in the Book of Revelation**. Sheffield: Sheffield Academic Press, 1995.

NICOLE, R. “**New Testament Use of the Old Testament**,” Carl F.H. Henry, ed., *Revelation and the Bible. Contemporary Evangelical Thought*. Grand Rapids: Baker, 1958 / London: The Tyndale Press, 1959. pp.137-151.

NUNES, JR., E. M. **A terra em Gênesis 1-9: uma leitura microscópica crítica da narrativa**. Tese (Doutorado em Letras) – Programa de Pós-Graduação em Estudos Judaicos, Universidade de São Paulo, 2017. Acesso em: [teses.usp.br](http://teses.usp.br), em 17 de agosto de 2018.

PAULIEN, J. Introdução ao estudo do sábado no Apocalipse. **Parousia**. Engenheiro Coelho, SP, v. 2, p. 35 – 58, 2012.

\_\_\_\_\_. Elusive Allusions: The Problematic Use of the Old Testament in Revelation. **Biblical Research**, v. 33, 1988. Acesso em: [amazonaws.com](http://amazonaws.com), em 31 de maio de 2018.

PINTO, M. C. C. Gog e Magog: Intertextualidade entre Apocalipse 20:7 e Ezequiel 38 e 39. TCC de graduação. Unasp, Engenheiro Coelho, SP, 2017.

OLIVEIRA, T. C. S. A. **OS BEZERROS DE ARÃO E JEROBOÃO: Uma verificação da relação intertextual entre Ex 32,1-6 e 1 Rs 12,26-33.** Tese (Doutorado em Teologia) – Programa de Pós Graduação em Teologia, PUC-Rio, 2010.

SHEA, W. H. The Controversy Over the Commandments In the Central Chiasm of Revelation. **Journal of the Adventist Theological Society**, 2000. Acesso [atsjats.org](http://atsjats.org), em 30 de maio de 2018.

SHEA, W. H.; CHRISTIAN, E. The Chiastic Structure of Revelation 12:1-15:4: The Great Controversy Vision. **Andrews University Seminary Studies**, v. 38, 2000. Acesso em: [digitalcommons.andrews.edu](http://digitalcommons.andrews.edu), em 30 de maio de 2018.

VIGNER, G. Intertextualidade, norma e legibilidade. In: GALVES, C.; ORLANDI, E. P.; OTONI, P. (orgs.). **O texto: escrita e leitura**. Campinas: Pontes, 1988.

WENHAM, G. J. **Word Biblical Commentary**. Vol. 1: Genesis 1-15. 1. ed. Waco: Word Books, 1986.

WHITE, E. G. **Eventos finais: como enfrentar a última e maior crise da Terra**. Tatuí, SP: Casa Publicadora Brasileira, 2011.